

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Psicoesfera e território reticulado (janela de Overton, Espiral do Silêncio e a Geografia da Guerra Cognitiva)

Zeno Soares Crocetti

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15546>

Submetido em: 2026-03-21

Postado em: 2026-04-22 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o(s) endosso(s) de:

- Leandro Trevisan (ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5860-0541>)

PSICOESFERA E TERRITÓRIO RETICULADO

(Janela de Overton, Espiral do Silêncio e a geografia da guerra cognitiva)

Zeno Soares Crocetti

Universidade Federal da Integração Latino-Americana
Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território

Foz do Iguaçu/Paraná/Brasil.

E-mail: geocrocetti@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0608-5079>

Resumo

A expansão das infraestruturas digitais reconfigura a esfera pública ao deslocar a disputa política para o domínio da percepção e da cognição coletiva. Este artigo reinterpreta a Janela de Overton e a Espiral do Silêncio a partir da geografia crítica, articulando a psicoesfera e o sistema reticulado de Milton Santos à Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado de Leon Trotsky e à dromologia de Paul Virilio.

Sustenta-se que, no capitalismo informacional, o poder opera pela modulação simultânea do espaço e do tempo: enquanto as redes estruturam um território reticulado global, a aceleração viriliana comprime a duração e automatiza a formação do consenso. A velocidade dos fluxos informacionais intensifica a Espiral do Silêncio e acelera o deslocamento da Janela de Overton, produzindo climas de opinião instantâneos e reduzindo o espaço deliberativo.

Argumenta-se que a convergência entre infraestrutura técnica, algoritmos e regimes de aceleração instaura formas de poder que atuam diretamente sobre a psicoesfera. Desse processo emerge a neuroterritorialização, entendida como a captura e governança da cognição coletiva. Conclui-se que a política contemporânea se realiza como disputa pelo controle do território cognitivo e pela temporalidade da percepção.

Palavras chave: Território reticulado, Psicoesfera, Janela de Overton, Espiral do Silêncio e Guerra cognitiva.

PSYCHOSPHERE AND NETWORKED TERRITORY

(Overton Window, Spiral of Silence, and the Geography of Cognitive Warfare)

Abstract

The expansion of digital infrastructures reconfigures the public sphere by shifting political struggle into the domain of perception and collective cognition. This article reinterprets the Overton Window and the Spiral of Silence from the perspective of critical geography,

articulating the psychosphere and the networked territory of Milton Santos with Leon Trotsky's Law of Uneven and Combined Development and Paul Virilio's dromology.

It argues that, in informational capitalism, power operates through the simultaneous modulation of space and time: while networks structure a global networked territory, Virilian acceleration compresses duration and automates the formation of consensus. The speed of informational flows intensifies the Spiral of Silence and accelerates shifts in the Overton Window, producing instantaneous climates of opinion and reducing deliberative space. The article further contends that the convergence of technical infrastructure, algorithms, and regimes of acceleration establishes forms of power that act directly upon the psychosphere. From this process emerges neuroterritorialization, understood as the capture and governance of collective cognition. It concludes that contemporary politics unfolds as a struggle for control over cognitive territory and the temporality of perception.

Keywords: Networked territory, Psychosphere, Overton Window, Spiral of Silence, Cognitive warfare.

PSICOESFERA Y TERRITORIO RETICULADO

(Ventana de Overton, Espiral del Silencio y la geografía de la guerra cognitiva)

Resumen

La expansión de las infraestructuras digitales reconfigura la esfera pública al desplazar la disputa política hacia el dominio de la percepción y la cognición colectiva. Este artículo reinterpreta la Ventana de Overton y la Espiral del Silencio desde la geografía crítica, articulando la psicoesfera y el territorio reticulado de Milton Santos con la Ley del Desarrollo Desigual y Combinado de Leon Trotsky y la dromología de Paul Virilio.

Se sostiene que, en el capitalismo informacional, el poder opera mediante la modulación simultánea del espacio y del tiempo: mientras las redes estructuran un territorio reticulado global, la aceleración viriliana comprime la duración y automatiza la formación del consenso. La velocidad de los flujos informacionales intensifica la Espiral del Silencio y acelera el desplazamiento de la Ventana de Overton, produciendo climas de opinión instantáneos y reduciendo el espacio deliberativo.

Se argumenta además que la convergencia entre infraestructura técnica, algoritmos y regímenes de aceleración instaaura formas de poder que actúan directamente sobre la psicoesfera. De este proceso emerge la neuroterritorialización, entendida como la captura y gobernanza de la cognición colectiva. Se concluye que la política contemporánea se configura como una disputa por el control del territorio cognitivo y por la temporalidad de la percepción.

Palabras clave: Territorio reticulado, Psicoesfera, Ventana de Overton, Espiral del Silencio, Guerra cognitiva.

No território reticulado do capitalismo informacional, o desenvolvimento desigual e combinado da infraestrutura digital transforma a psicosfera em um campo estratégico de disputa geopolítica, inaugurando uma geografia da guerra cognitiva.

Zeno Crocetti

1. Introdução

A intensificação das redes digitais e das infraestruturas informacionais produziu uma transformação estrutural nas formas de organização do espaço, da comunicação e da política contemporânea. No contexto do capitalismo informacional, fluxos de dados, plataformas digitais e sistemas algorítmicos passaram a desempenhar papel central na mediação da esfera pública, redefinindo as condições de circulação de discursos, narrativas e percepções coletivas.

Essa transformação pode ser compreendida à luz da noção de *meio técnico-científico-informacional*, formulada por Milton Santos (1996), que descreve a crescente centralidade das tecnologias de informação na organização do território e da vida social. Nesse ambiente, o território deixa de ser apenas suporte material das relações sociais para tornar-se também uma *infraestrutura informacional e cognitiva*, em que fluxos técnicos, comunicacionais e simbólicos passam a estruturar novas formas de poder.

Tal processo intensifica a disputa pelo controle daquilo que Santos (1978) denominou *psicosfera*, isto é, o conjunto de valores, representações, crenças e discursos que orientam a ação social no território. No capitalismo informacional, essa esfera simbólica torna-se cada vez mais objeto de intervenção sistemática por meio de dispositivos técnicos de modulação da informação, da percepção e do comportamento coletivo.

Nesse contexto, conceitos oriundos da ciência política e da comunicação adquirem nova relevância analítica. Entre eles destacam-se a *Janela de Overton*, que descreve os limites do aceitável no debate público, e a *Espiral do Silêncio*, que explica como percepções de maioria e pressões sociais podem levar ao silenciamento de opiniões divergentes. Ambos os conceitos oferecem instrumentos importantes para compreender como se estruturam os processos de formação do consenso e de regulação simbólica da esfera pública.

Este artigo parte da hipótese de que, *no território reticulado do capitalismo informacional, a disputa pela Janela de Overton e a dinâmica da Espiral do Silêncio tornam-se componentes estruturais das estratégias contemporâneas de engenharia do consenso, guerra informacional e guerra híbrida.*

A modulação do clima de opinião passa a ocorrer por meio de infraestruturas digitais, plataformas algorítmicas e redes informacionais globais que operam diretamente sobre a psicoesfera.

Para aprofundar essa interpretação, o trabalho articula três referenciais teóricos fundamentais: os conceitos de unicidade técnica e convergência dos momentos, elaborados por Milton Santos (1996); a Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado, formulada por Leon Trotsky (1977); e o conceito de *dromologia*, o estudo da velocidade, cunhada por Paul Virilio (1996), que determinam o ritmo e a aceleração das estruturas de poder.

Essa articulação permite compreender como a infraestrutura digital global, embora tecnicamente integrada, produz uma circulação profundamente assimétrica da informação, gerando novas formas de poder baseadas no controle da percepção coletiva.

A partir dessa perspectiva, propõe-se interpretar a emergência de um novo campo estratégico de disputa territorial: o *território cognitivo*. Nesse ambiente, a captura, modulação e direcionamento da cognição coletiva passam a constituir uma dimensão fundamental da organização do poder.

Esse processo é aqui denominado *neuroterritorialização*, entendido como a incorporação sistemática da esfera cognitiva às dinâmicas de controle, disputa e organização do território.

Ao articular *geografia crítica, teoria social e estudos da comunicação política*, o artigo busca contribuir para a construção de uma *geografia da guerra cognitiva*, capaz de interpretar como infraestruturas técnicas, fluxos informacionais e dinâmicas simbólicas se combinam na produção contemporânea do poder.

Figura 1 – Modelo Overton-Espiral-Psicoesfera



Fonte: Elaboração do autor, com ajuda de IA.

2. Unicidade técnica, convergência dos momentos e território reticulado,

2.1 Unicidade técnica

A reorganização do espaço contemporâneo não pode ser compreendida apenas como resultado da globalização econômica. Ela está profundamente associada à constituição de um sistema técnico global, caracterizado pela interconexão de redes de transporte, comunicação e informação. Milton Santos (1996, p. 89-92) descreveu esse processo utilizando-se do conceito de *unicidade técnica*, que se refere à formação de um sistema técnico global relativamente integrado, capaz de articular diferentes regiões do planeta em uma mesma lógica operacional.

Quadro 1 – Unicidade técnica segundo Milton Santos

Dimensão	Características	Exemplos contemporâneos
Sistemas de objetos	Infraestruturas técnicas padronizadas	Cabos submarinos de fibra óptica (Marea, Dunant), <i>data centers</i> globais (AWS, Google Cloud)
Sistemas de ações	Fluxos sincronizados em escala planetária	<i>Streaming</i> simultâneo (Netflix), comércio eletrônico transnacional (Amazon), finanças de alta frequência
Escala global-local	Articulação entre centros e periferias	<i>Hubs</i> logísticos (Lisboa, Singapura) vs. territórios de extração de dados (Sul Global)

Fonte: Elaboração própria a partir de Santos (1996) e Srnicek (2017).

Um exemplo de unicidade técnica é o cabo submarino Malbec (Brasil-Argentina). Conectando Praia Grande (SP) a Buenos Aires. Esse cabo (2022) reduziu a latência de 200ms¹ para 60ms entre os países, viabilizando operações financeiras HFT² e *streaming* 4K. Controlado por consórcio Google-Meta, ele exemplifica como infraestruturas materiais estruturam fluxos informacionais assimétricos, concentrando valor em nós centrais (São Paulo, Miami) enquanto periferias se tornam meros pontos de extração de dados (Crocetti, 2025c).

2.2 Convergência dos momentos

Esse processo técnico não se limita à materialidade das infraestruturas. Associado a ele, Santos (2000, p. 45-47) identificou a *convergência dos momentos*, isto é, a capacidade das tecnologias informacionais de produzir uma sincronização crescente das ações humanas em escala planetária. Na Era das Redes Digitais, essa convergência atinge um novo patamar: informações, narrativas e discursos passam a circular em tempo quase instantâneo, conectando diferentes lugares e atores em uma mesma arena informacional.

Um exemplo desse fenômeno seria a instantaneidade da Web Summit (Lisboa). Durante o Web Summit 2024, anúncios simultâneos de investimentos em IA (xAI, OpenAI) foram transmitidos ao vivo para 70.000 participantes presenciais e milhões *online*, sincronizando expectativas de mercado global em tempo real. Plataformas como X/Twitter amplificaram narrativas de “Lisboa como *hub* europeu”, consolidando sua centralidade no território reticulado em menos de 24 horas (Crocetti, 2026b).

2.3 Território reticulado

¹ *Latênci* é o tempo de atraso (em milissegundos, ms) para dados irem do seu dispositivo a um servidor e voltarem. O *ping* é a ferramenta/valor que mede essa latência. Uma latência de 200ms é alta, causando atrasos visíveis (*lag*) em jogos, mas geralmente aceitável para navegação e vídeos.

² HFT significa *High-Frequency Trading* (negociação de alta frequência). Trata-se de uma modalidade de negociação automatizada no mercado financeiro, na qual algoritmos e computadores de altíssima *performance* enviam milhares de ordens de compra e venda em frações de segundo. O HFT utiliza infraestrutura tecnológica de ponta e algoritmos complexos para lucrar com variações mínimas de preço, arbitragem (diferença de preços entre mercados) e *bid-ask spreads* (diferença entre compra e venda).

O *território reticulado*, nesse ambiente, é a configuração espacial marcada por redes, modalidade e circulação intensificada de fluxos. Diferencia-se do território clássico (área contínua, soberania estatal) por operar em três dimensões indissociáveis:

- a. Dimensão material: infraestruturas físicas (cabos submarinos, *data centers*, satélites);
- b. Dimensão funcional: fluxos de dados, algoritmos de intermediação, cadeias logísticas *just-in-time*;
- c. Dimensão imaterial: regimes de atenção, narrativas dominantes, captura cognitiva (Zuboff, 2020).

No interior desse território reticulado, a disputa política desloca-se progressivamente para o campo da informação e da percepção. A *psicoesfera* – conjunto de valores, representações e discursos que orientam a ação social (Santos, 1996, p. 156) – converte-se em infraestrutura estratégica. Plataformas digitais não apenas mediam conteúdos, mas selecionam, amplificam e suprimem narrativas segundo algoritmos proprietários opacos.

Quadro 2 – As três dimensões do território reticulado

Dimensão	Componentes	Exemplos	Efeito sobre a psicoesfera
Material	Cabos, <i>data centers</i> , 5G	Starlink (SpaceX), Marea (MSN)	Dependência assimétrica de infraestruturas externas
Funcional	Algoritmos, fluxos de dados	<i>Feed</i> do TikTok*, recomendação YouTube	Curadoria algorítmica da percepção
Imaterial	Narrativas, regimes de atenção	#WebSummit, #IArevolução	Engenharia do consenso em tempo real

Fonte: Elaboração própria a partir de Santos (1996), Bratton (2016) e Crocetti (2026b).

* É o fluxo contínuo e vertical de vídeos curtos que aparece ao abrir o aplicativo, dividido principalmente entre as abas “Para Você” (FYP) e “Seguindo”. O algoritmo aprende rapidamente o que você gosta através de curtidas, tempo de visualização e compartilhamentos, refinando o que é mostrado.

Essa tridimensionalidade explica por que o território reticulado não é mero suporte tecnológico, mas operador ativo de poder cognitivo. A *convergência dos momentos* técnica e informacional produz um “espaço de sincronização” onde a latência mínima (tempo de resposta dos sistemas) determina hierarquias geopolíticas. Regiões com menor latência (Lisboa: 20ms para Frankfurt; São Paulo: 180ms para Virgínia) concentram

funções de comando, enquanto áreas de alta latência (Foz do Iguaçu: 250ms para São Paulo) se subordinam a decisões remotas.

Um exemplo dessa tridimensionalidade é o da latência e o da centralidade financeira. O mercado de capitais brasileiro opera com latência média de 120ms para Nova Iorque (via cabo Atlantis-2), enquanto Frankfurt-Londres opera em 3ms. Essa assimetria temporal – invisível, mas estrutural – determina fluxos de capital: arbitragens de alta frequência extraem R\$ 2,5 bilhões anuais do Brasil via HFT, sem que agentes locais controlem a infraestrutura decisória (Crocetti, 2025c).

Isso significa que investidores estrangeiros, com infraestrutura de HFT mais rápida e com servidores localizados próximos à bolsa, conseguem antecipar os movimentos do mercado brasileiro. Essa disparidade tecnológica permite que algoritmos de HFT explorem ineficiências no mercado local antes que agentes locais (com atraso na transmissão de dados) possam reagir, resultando em uma drenagem de valor que o texto estima em R\$ 2,5 bilhões anuais.

3. Desenvolvimento desigual e combinado da informação

A universalização das infraestruturas digitais não produz homogeneidade informacional. Pelo contrário, ela intensifica novas formas de desigualdade e assimetria no acesso, na produção e na circulação da informação. Esse processo pode ser interpretado à luz da Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado, formulada por Leon Trotsky (1977) para explicar a dinâmica histórica do capitalismo. Segundo essa perspectiva, diferentes formas de desenvolvimento coexistem e se combinam no interior do sistema mundial, produzindo configurações híbridas nas quais elementos altamente avançados convivem com estruturas sociais e econômicas profundamente desiguais (Bianchi, 2013).

Quadro 3 – Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado aplicada ao capitalismo informacional

Elementos trotskyanos	Aplicação ao território reticulado	Exemplos concretos
Desigualdade	Disparidades na infraestrutura digital e capacidade narrativa	EUA/China (<i>data centers</i>) vs. América Latina (dependência externa)
Combinado	Híbridos avançado-atrasado na mesma formação social	São Paulo: HFT + periferias sem fibra óptica; Lisboa: Web Summit + interior sem 5G
Pressão competitiva	Competição global acelera assimetrias locais	Starlink (Musk) vs. provedores locais falidos no Brasil

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Trotsky (1977) e Crocetti (2026a).

No contexto do capitalismo informacional, essa dinâmica manifesta-se na coexistência de:

- infraestruturas digitais altamente avançadas;
- plataformas globais de comunicação;
- desigualdades estruturais no acesso à informação;
- assimetria na capacidade de produção de narrativa.

3.1 Exemplo 1 – Cabo Marea e assimetria Brasil-EUA

O cabo submarino Marea (Microsoft/Face Book, 2018), com capacidade de 200 Tbps, conecta Virgínia (EUA) a Bilbao (Espanha) em 65ms, concentrando 40% do tráfego transatlântico. No Brasil, dependência de rotas secundárias (Atlantis-2, 1998) gera latências de 180ms em relação a NY, limitando a HFT local e favorecendo extração de dados por *big techs* – R\$ 15 bi/ano em arbitragens (Crocetti, 2025c). Ou seja, existe aqui uma limitação de HFT (*High-Frequency Trading*), e nas operações financeiras de altíssima frequência, milissegundos valem milhões. Com latência alta (180ms), o Brasil fica impossibilitado de competir em tempo real na bolsa de Nova York ou Londres.

Como o Brasil não possui cabos de altíssima velocidade sob seu próprio controle para os centros de dados centrais, os dados brasileiros (gerados por usuários de redes sociais/nuvem) fluem por rotas de terceiros, concentrando o poder de processamento e a receita econômica nas *Big Techs* estadunidenses. O Brasil gasta R\$ 15 bi/ano em arbitragens, que são as perdas estimadas de receita ou custo de oportunidade gerado pela

desvantagem tecnológica nas negociações financeiras e no processamento de dados (arbitragem).

Assim, o território reticulado não é uma rede homogênea de fluxos informacionais, mas um espaço profundamente hierarquizado, no qual determinados atores possuem maior capacidade de influenciar a psicosfera. A desigualdade digital (brecha digital) opera como manifestação contemporânea da lei trotskista: setores ultramodernos (IA em Palo Alto) coexistem com bolsões de exclusão (75% da África Subsaariana sem banda larga fixa), gerando formações sociais híbridas onde elites locais se aliam a plataformas globais contra interesses nacionais (Dantas, 2025).

3.2 Exemplo 2 – Web Summit Lisboa vs. Foz do Iguaçu

Em Lisboa no Web Summit Lisboa (2024), o *Hub* de Inovação e Infraestrutura anunciou € 500 milhões em investimentos, em 5G ubíquo, 20 *data centers* regionais. Portugal posiciona-se como base de desenvolvimento, retenção de conhecimento e criação de empregos de alto valor, funcionando como um *player* central na Europa. Foz do Iguaçu, por outro lado, convive com a precarização informacional e dependência, representando a “periferia tecnológica”, cuja infraestrutura não acompanha o potencial econômico da região.

Isso traz uma série de consequências:

- Dependência e baixa qualidade: a dependência de fibra precária com alta latência (250ms para SP) indica um gargalo infraestrutural, comum em áreas que dependem de infraestrutura terceirizada para processamento de dados;
- Precarização informacional (uberização): a alta porcentagem de trabalhadores em *delivery* (Rappi/iFood) destaca a uberização do trabalho, em que a mão de obra é explorada por plataformas digitais sem vínculos empregatícios formais;
- O que ocorre é uma espécie de *extração de dados para SP/Miami*, ou seja, o valor gerado localmente, expresso em dados de comportamento do consumidor e em operações logísticas, é apropriado, processado e monetizado fora da região, por meio de infraestruturas de nuvem terceirizadas, sem retorno local em tecnologia ou impostos (Crocetti, 2026b).

Quadro 4 – Indicadores de desigualdade informacional (2025)

Região	Penetração fibra óptica (%)	Latência média NY (ms)	Emprego plataformas precário (%)	Data centers locais
Lisboa	85	85	12	20+
São Paulo	72	120	28	45
Foz Iguaçu	32	250	62	0

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de TeleGeography (2025), Brasil (2025) e Crocetti (2026b).

Essa configuração híbrida intensifica a capacidade assimétrica de narrativa: nós centrais (Silício, Shenzhen, Lisboa) produzem algoritmos e conteúdos hegemônicos, enquanto periferias consomem/processam dados subordinados.

A infraestrutura física da internet é a mesma no mundo todo. *Smartphones* (Motorola, Apple, Samsung), cabos de fibra ótica, servidores e *chips (hardware)* são padronizados globalmente. Isso cria a ilusão de um mundo plano e conectado, onde a tecnologia é universalmente acessível. Assim, enquanto o *hardware* é o corpo da tecnologia, a *software layer* é a mente e a lei que governam como esse corpo deve se comportar, criando uma desigualdade de poder entre quem *codifica* e quem é apenas *codificado*.

Embora o *hardware* seja o mesmo, as regras de como a informação é processada, priorizada e exibida (o *software*, algoritmos, termos de uso) perpetuam disparidades de poder, economia e conhecimento.

Empresas de tecnologia do Norte Global (EUA, principalmente) criam algoritmos que refletem seus próprios interesses e visões de mundo, impondo essa lógica sobre o restante do planeta, muitas vezes ignorando contextos locais ou periferias econômicas.

Zuboff (2020) argumenta que os algoritmos não apenas *organizam* a informação; eles *moldam* a realidade. Eles definem o que é visível e o que é invisível, o que é verdade e o que é falso, o que é relevante e o que é irrelevante. Quem detém o *software* controla a percepção pública do mundo.

Milton Santos (1978) utilizou-se do termo *psicoesfera* para mostrar que as pessoas não vivem mais na mesma realidade, por ela estar hoje fragmentada. Elas estão isoladas em bolhas cognitivas e ideológicas.

Esse processo é intensificado pela Espiral do Silêncio (a tendência de pessoas se calarem, acharem que sua opinião é minoritária) e pela Janela de Overton (refere-se ao espectro de ideias aceitáveis no discurso público), as quais operam de forma seletiva, uma vez que os algoritmos movem essa janela para o que interessa aos donos da plataforma.

No *território reticulado*, portanto, a disputa política não se dá mais primordialmente sobre o controle do solo, mas sobre a sincronização temporal e a orientação perceptual. A unicidade técnica globaliza as infraestruturas, mas preserva – e intensifica – desigualdades regionais na capacidade de interferir nos fluxos informacionais que estruturam a psicosfera. É nesse contexto que emergem a Janela de Overton e a Espiral do Silêncio como mecanismos algorítmicos de controle cognitivo, objeto das próximas seções.

4. Janela de Overton e disputa pelo horizonte do pensável

A Janela de Overton é um modelo teórico que descreve o intervalo de ideias, políticas ou discursos que são considerados aceitáveis, legítimos ou “normais” dentro do debate público em um dado momento histórico.

Essa janela delimita o que pode ser discutido publicamente sem que o proponente seja automaticamente marginalizado ou desacreditado. Assim, ideias fora dessa janela são vistas como radicais, extremas ou inaceitáveis, enquanto as que estão dentro dela são consideradas plausíveis e legítimas.

Mas devemos ter extremo cuidado, pois o uso indiscriminado das tecnologias para a manipulação do ambiente informacional pode alterar percepções sociais, a priorização algorítmica: o resultado é a manipulação ativa do debate público para criar o padrão aceitável do mercado. Constrói-se um modelo que define o espectro de ideias que a elite política e o público em geral consideram aceitáveis, movendo-se para dentro da janela de aceitabilidade política.

4.1 Dimensão estratégica

- Controle do discurso: grupos políticos, sociais e midiáticos buscam expandir ou restringir essa janela para incluir suas ideias, moldando o que a sociedade pode imaginar como possível ou legítimo;

- Normalização e desnormalização: a luta pela janela envolve processos de normalização (tornar uma ideia antes marginal aceitável) e desnormalização (tornar uma ideia antes aceita inaceitável);
- Poder e hegemonia: a disputa pela janela reflete relações de poder, em que elites políticas, econômicas e culturais tentam hegemonizar o debate público, definindo os limites do que pode ser pensado e dito.

Embora útil para entender a dinâmica do debate público, o modelo pode ser criticado por sua aparente simplicidade e linearidade. A realidade social e política é multifacetada, e a aceitação de ideias pode variar muito entre diferentes grupos, regiões e contextos culturais, o que torna a *janela* um conceito mais fluido e fragmentado do que o modelo sugere.

A Janela de Overton pode ser instrumentalizada para justificar manipulações discursivas e controle social, onde o poder dominante restringe o horizonte do pensável para manter seu *status quo*, silenciando vozes dissidentes e alternativas. Isso levanta questões éticas sobre quem define os limites do debate e com que interesses.

O debate sobre mudanças climáticas e sustentabilidade, a aceitação da ciência do clima e a urgência das políticas ambientais também ilustram a Janela de Overton em movimento. Há algumas décadas, a discussão sobre mudanças climáticas era marginal; hoje, é central no debate público e político em muitos países. No entanto, ainda existem disputas intensas para definir até onde vai o que é considerado aceitável em termos de políticas econômicas e sociais para enfrentar a crise climática.

O conceito de Janela de Overton, especialmente quando interpretado como uma disputa pelo horizonte do pensável, é uma ferramenta poderosa para analisar como ideias são legitimadas ou marginalizadas no debate público. Sua dimensão estratégica revela as complexas relações de poder que moldam o que a sociedade considera possível ou aceitável. Contudo, é fundamental abordá-lo com uma visão crítica que reconheça suas limitações, os riscos de manipulação e o impacto das transformações comunicacionais contemporâneas, para que se possa promover um debate público mais aberto, plural e democrático.

5. Espiral do Silêncio e clima de opinião

A Teoria da Espiral do Silêncio, formulada por Elisabeth Noelle-Neumann (1984), explica como indivíduos tendem a evitar expressar opiniões que percebem como minoritárias, por medo de isolamento social. Esse mecanismo produz um efeito cumulativo: quanto mais uma opinião parece dominante, maior a tendência de silenciamento das posições divergentes, gerando um clima de opinião artificialmente majoritário.

Quadro 5 – Mecanismo da Espiral do Silêncio (Noelle-Neumann)

Fase	Dinâmica	Efeito na psicosfera	Exemplo digital
Percepção	Avaliação intuitiva da maioria	Medo de isolamento	Métricas de <i>like/share</i> no X/Twitter
Silenciamento	Retração de minorias	Amplificação da dominante	<i>Shadowban</i> de perfis progressistas
Reforço	Clima de opinião consolidado	Consenso manufaturado	#Eleições2022: bolhas bolsonaristas

Fonte: Elaboração própria a partir de Noelle-Neumann (1984) e Winques (2020).

Para criar a *Espiral do Silêncio*, o algoritmo esconde vozes periféricas, gerando a falsa impressão de que não encontram ressonância no que dizem, como se ninguém concordasse com elas, induzindo-as ao silêncio. Dessa forma, a dinâmica social de debate foi automatizada. Esse mecanismo funciona por meio de *shadowbans* (banimento fantasma), que são uma modalidade de censura discreta por meio da qual uma rede social limita o alcance de um usuário sem notificá-lo formalmente.

Diferente de uma suspensão comum (onde você não consegue logar), no banimento fantasma você continua postando normalmente, mas seu conteúdo deixa de aparecer para outras pessoas, expressando o que se pode chamar de uma *priorização algorítmica*: o resultado é a manipulação ativa do debate público. O usuário posta, mas sua voz não chega a ninguém, sem que ele mesmo saiba que isso está acontecendo. Por outro lado, conteúdos sensacionalistas ou alinhados ao capitalismo de vigilância ganham engajamento, enquanto análises profundas ou vozes de grupos marginalizados (periféricos) são escondidas.

No ambiente contemporâneo, esse processo é amplificado por plataformas digitais, métricas de visibilidade e algoritmos de recomendação, que contribuem para a produção

de um clima de opinião aparentemente majoritário. A interação entre Janela de Overton e Espiral do Silêncio produz, assim, um poderoso mecanismo de *engenharia do consenso*.

5.1 Exemplo 1 – Eleições 2018 Brasil (Facebook)

Algoritmos do Facebook priorizaram conteúdos pró-Bolsonaro (85% de alcance orgânico vs. 15% do PT), criando percepção de maioria absoluta. Pesquisas mostraram 62% eleitores acreditando em “onda pró-Bolsonaro”, silenciando opositores via autoc coerção – clássica Espiral do Silêncio algorítmico (Winques, 2020; Crocetti, 2025c).

5.2 Exemplo 2 – Web Summit 2024 (Lisboa)

A narrativa “IA = futuro inevitável” dominou 92% dos *posts* patrocinados, silenciando críticas éticas/laborais. Métricas (*likes*, RTs) reforçaram o clima pró-inovação, marginalizando vozes periféricas (Sul Global), gerando a espiral de visibilidade do IA e criando consenso transnacional.

A psicosfera reticulada opera via *feedback loops algorítmicos*: baixa visibilidade gera menos engajamento, reforçando exclusão. No Brasil, 68% jovens evitam temas sociais em redes por “medo de cancelamento” (IPEC, dez. 2022; *Folha de S.Paulo*, 29 jun. 2023.), exemplificando como métricas (*shadowbans*, *reach* orgânico < 5%) materializam a espiral em escala territorial.

Quadro 6 – Amplificação digital da Espiral do Silêncio

Elemento tradicional	Versão algorítmica	Impacto territorial
Percepção intuitiva	Métricas <i>like/share</i> *	Bolhas locais (Foz: bolsonarismo 72%)
Pressão social	Cancelamento digital	Silenciamento periférico
Mídia tradicional	<i>Feed</i> ** personalizado	Consenso nodal (Lisboa vs. interior)

Fonte: Elaboração própria a partir de Noelle-Neumann (1984), Pariser (2011) e Crocetti (2026a).

*Métrica por *share* (participação) refere-se ao indicador que mede a proporção de uma empresa, marca ou produto em relação ao total do mercado ou canal em que atua. Em vez de olhar apenas para números brutos (como “vendi 1.000 unidades”), o *share* mostra a relevância competitiva (como “vendi 10% de tudo o que foi comprado no setor”). *Share of Search*: indica a porcentagem de buscas orgânicas por uma marca específica dentro de uma categoria de produtos ou serviços nos motores de busca (como o Google). *Share de Gôndola (Shelf Share)*: muito comum no varejo físico, mede quanto espaço físico um produto ocupa nas prateleiras em relação aos concorrentes.

****O feed personalizado é um fluxo de conteúdo selecionado especificamente para cada usuário, baseado em seus interesses, comportamentos e interações anteriores. Em vez de mostrar todas as publicações em ordem cronológica, as plataformas utilizam algoritmos para priorizar o que é mais relevante para você.**

Quadro 7 — Elementos para uma teoria da guerra cognitiva no território reticulado

Dimensão analítica	Conceito central	Referencial teórico	Função na disputa cognitiva
Infraestrutura territorial	Território reticulado	Milton Santos	Configuração espacial estruturada por redes técnicas, plataformas digitais e fluxos informacionais que conectam lugares e escalas em tempo quase instantâneo.
Base técnica global	Unicidade técnica	Milton Santos	Formação de um sistema técnico planetário relativamente integrado, que permite a circulação global de dados, narrativas e imagens.
Sincronização global	Convergência dos momentos	Milton Santos	Capacidade das tecnologias informacionais de sincronizar ações e acontecimentos em escala mundial, intensificando a velocidade das disputas narrativas.
Estrutura do sistema mundial informacional	Desenvolvimento desigual e combinado da informação	Leon Trotsky (reinterpretação)	Coexistência entre infraestruturas digitais altamente avançadas e profundas desigualdades na produção, circulação e controle da informação.
Campo simbólico do território	Psicoesfera	Milton Santos	Conjunto de valores, representações e narrativas que orientam a ação social e constituem o ambiente simbólico da disputa política.
Dispositivo de aceitabilidade política	Janela de Overton	Joseph Overton	Define os limites do aceitável no debate público e pode ser deslocada por estratégias de engenharia do consenso.
Mecanismo de silenciamento social	Espiral do Silêncio	Elisabeth Noelle-Neumann	Processo pelo qual opiniões percebidas como minoritárias tendem a ser silenciadas, reforçando a aparência de consenso.
Instrumento estratégico	Engenharia do consenso	Edward Bernays	Conjunto de técnicas de comunicação e propaganda utilizadas para produzir aceitação social de determinadas narrativas.
Campo operacional do conflito	Guerra híbrida / guerra informacional	Estudos estratégicos contemporâneos	Conjunto de estratégias que utilizam informação, narrativa e percepção como instrumentos de poder geopolítico.
Resultado territorial	Neuroterritorialização	Proposição teórica	Processo de captura, modulação e governança da cognição coletiva por meio de infraestruturas digitais, plataformas e algoritmos que atuam diretamente sobre a psicoesfera.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O Quadro 7 sintetiza os principais elementos conceituais que estruturam uma possível teoria da guerra cognitiva no território reticulado. Baseando-se na geografia crítica de Milton Santos, observa-se que a expansão do meio técnico-científico-informacional produz um sistema territorial estruturado por redes e fluxos, no qual a informação assume papel central na organização do espaço. Ao articular essa perspectiva com a Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado de Trotsky, torna-se possível compreender as assimetrias que caracterizam a infraestrutura informacional global. Nesse ambiente, dispositivos como a Janela de Overton e a Espiral do Silêncio operam como mecanismos de reorganização da psicosfera, permitindo deslocar os limites do aceitável e silenciar narrativas dissidentes. O resultado é a constituição de um campo estratégico no qual a disputa política se desloca progressivamente para o domínio da cognição coletiva, processo que aqui denominamos *neuroterritorialização*.

6. Guerra híbrida e disputa pela psicosfera

Nas estratégias contemporâneas de guerra híbrida, a disputa pela informação e pela percepção tornou-se dimensão central dos conflitos geopolíticos (Leirner, 2020). A manipulação do ambiente informacional pode alterar percepções sociais, influenciar agendas políticas e desestabilizar instituições. Nesse contexto, a disputa pela Janela de Overton e a produção de climas de opinião tornam-se instrumentos estratégicos de intervenção na psicosfera.

Quadro 8 – Componentes da guerra híbrida (atualização Virilio-Trotsky)

Dimensão	Instrumentos	Exemplo territorial
Informacional	<i>Fake news*</i> , <i>deepfakes**</i>	<i>Lawfare</i> Lava Jato (2014-2021)
Cognitiva	Espiral do Silêncio algorítmica	#FakeNews eleições EUA 2016
Infraestrutural	Ataques cibernéticos	Colonial Pipeline (2021, EUA)***

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Leirner (2020) e Crocetti (2026a).

**Fake news* (conteúdo) é um termo genérico para *desinformação*. Refere-se a notícias falsas ou enganosas criadas para manipular a opinião pública ou gerar lucro. Não exige tecnologia avançada. Alguém simplesmente escreve uma mentira ou distorce um fato real.

***Deepfakes* (tecnologia) é uma técnica específica de Inteligência Artificial (especificamente deep learning) usada para criar mídias sintéticas hiper-realistas. Exige processamento de dados e algoritmos de IA que “aprendem” os movimentos e padrões de voz de alguém para replicá-los. Um deepfake pode ser usado para

espalhar fake news, mas nem toda fake news é um deepfake, pois esta é apenas a ferramenta tecnológica mais sofisticada do arsenal da desinformação atual.

****Colonial Pipeline* foi o maior ataque cibernético à infraestrutura de energia dos Estados Unidos. Em maio de 2021, a empresa Colonial Pipeline, responsável pelo transporte de cerca de 45% do combustível da Costa Leste, foi vítima de um *ransomware* (sequestro de dados) que paralisou totalmente suas operações por vários dias. A empresa pagou resgate para restaurar os sistemas rapidamente, cerca de US\$ 5 milhões em criptomoedas. O evento expôs a vulnerabilidade de infraestruturas críticas e levou a novas diretrizes de cibersegurança pelo governo estadunidense.

6.1 Exemplo 1 – *Lawfare* (Guerra Jurídica) Brasil (2014-2021)

A Operação Lava Jato combinou vazamentos seletivos (Vaza Jato), alinhados com a mídia e algoritmos pró-Moro, expandindo a Janela de Overton para “presunção de culpa” e silenciando defesas via Espiral do Silêncio (72% de apoio em 2016, Datafolha). Resultado: *impeachment* e prisão do Lula, reconfigurando a psicoesfera nacional (Crocetti, 2025c).

6.2 Exemplo 2 – *Bellingcat*³ Ucrânia (2022)

OSINT (*open-source intelligence*) via satélites e redes sociais reconstrói narrativas pró-OTAN, disputando Overton global: invasão russa = genocídio. Plataformas amplificam (TikTok: 80% conteúdo pró-Ucrânia), silenciando contranarrativas russas – guerra híbrida cognitiva em tempo real.

A psicoesfera reticulada converte a guerra híbrida em domínio perceptual permanente: não mais batalhas frontais, mas batalhas por atenção (Zuboff, 2020). No território reticulado, assimetrias informacionais determinam vitórias: nós centrais codificam realidade, e as periferias consomem.

7. Neuroterritorialização

A convergência entre redes digitais, plataformas algorítmicas e sistemas de coleta massiva de dados inaugura uma nova dimensão da disputa territorial: o *controle da cognição coletiva*, processo que pode ser denominado como *neuroterritorialização*, entendido como a captura, modulação e governança da percepção social por meio de infraestruturas técnicas e informacionais (Crocetti, 2025b).

³ *Bellingcat* coletivo de jornalismo que ganhou fama mundial, atuou na guerra de informação durante a invasão da Ucrânia pela Rússia em 2022. Alinhada aos interesses estratégicos da OTAN.

OSINT (*Open-Source Intelligence*): prática de coletar e analisar dados disponíveis publicamente para gerar inteligência.

Reconstrução de narrativas: usar provas digitais (fotos, vídeos, coordenadas) para desmentir versões oficiais. Mas ficaram em silêncio em relação aos brutais ataques de Israel a Gaza.

Quadro 9 – Neuroterritorialização: captura cognitiva no território reticulado

Camada	Mecanismo	Exemplo	Efeito Leviatã
Pré-consciente	Dopamina algorítmica	<i>Scroll</i> infinito TikTok*	Vício comportamental
Perceptivo	<i>Feed</i> personalizado	Cambridge Analytica	Modulação eleitoral
Narrativo	<i>Deepfakes</i> IA	Vídeos falsos Zelensky	Desconfiança sistêmica

Fonte: Elaboração própria a partir de Crocetti (2025b) e Han (2018).

*O *scroll infinito* (ou rolagem infinita) é um recurso de *design* de interface em que o conteúdo é carregado continuamente à medida que o usuário desliza a tela para baixo, eliminando o fim da página ou a necessidade de clicar em “próximo”. É a ferramenta física que materializa a psicosfera fragmentada: ele garante que o usuário consuma apenas o que o algoritmo prioriza, sem nunca encontrar um espaço vazio para reflexão crítica. Funciona como um cassino digital: o algoritmo do TikTok funciona como uma máquina de caça-níqueis. Você desliza (*scroll*) sem saber se o próximo vídeo será monótono ou algo que lhe dará um pico de dopamina. Essa incerteza vicia o cérebro.

8. Novos Leviatãs

No século XVII, Thomas Hobbes descreveu o Leviatã como o poder soberano que controla o caos do estado de natureza (Hobbes, 2003). Hoje, no século XXI, novos centros de poder surgem na forma de plataformas digitais, sistemas algorítmicos e arquiteturas de vigilância, que influenciam o comportamento e o pensamento das pessoas.

Um exemplo é o caso Cambridge Analytica (2016), que coletou dados de 87 milhões de perfis do Facebook para fazer *microtargeting* psicológico usando o modelo Ocean (Big Five). Esse método permitiu criar anúncios personalizados para influenciar decisões eleitorais, como foi o caso do plebiscito do Brexit para decidir a saída do Reino Unido da União Europeia e durante a eleição de Trump em 2016.

O processo funciona assim: dados pessoais são transformados em perfis psicológicos, que geram anúncios direcionados para influenciar votos – configurando a Meta como um “Leviatã cognitivo” global. Foram coletadas informações demográficas, curtidas, atualizações de *status* e até mensagens privadas. Apenas 270 mil usuários consentiram diretamente, mas o app também acessou dados dos amigos desses usuários sem consentimento. O modelo Ocean avalia cinco traços de personalidade: abertura, conscienciosidade (avalia o nível de organização, autodisciplina e responsabilidade para alcançar objetivos), extroversão, amabilidade e neuroticismo (mede a tendência à instabilidade emocional e afetos negativos, ansiedade, tristeza, etc.).

Com esses perfis, os anúncios eram adaptados para cada pessoa, por exemplo, focando no *medo* para pessoas com alto neuroticismo ou na *ordem* para as mais conscienciosas. O escândalo levou ao fechamento da Cambridge Analytica em 2018 e gerou investigações globais sobre privacidade e o impacto dos algoritmos na democracia.

Esses dispositivos configuram novos Leviatãs informacionais, capazes de disputar o controle da psicoesfera no território reticulado. Diferem do hobbesiano por operarem via psicopolítica (Han, 2018): não repressão externa, mas exploração interna do desejo, atenção e afeto. Nesse desenvolvimento desigual, centrais codificam algoritmos, periferias fornecem dados brutos, gerando uma assimetria constitutiva da neuroterritorialização.

9. A Espiral do Silêncio e a dromologia de Virilio

Paul Virilio (1996) argumenta que a velocidade é a força motriz da história e o principal instrumento de poder, definindo a política como a gestão da velocidade ou *dromologia*. O autor sustenta que a aceleração tecnológica encolhe o espaço geográfico e substitui a democracia pelo controle instantâneo, instaurando dromocracias e um estado de emergência permanente. Ele estabelece as bases da *dromologia* (o estudo da velocidade) e explica como o controle do ritmo e da aceleração é o que realmente define as estruturas de poder na história, superando a posse de terras.

A integração entre Espiral do Silêncio (Noelle-Neumann, 1984) e a cronopolítica de Virilio (1996) revela como a velocidade tecnológica acelera e automatiza o silenciamento perceptual, transformando medo social em controle temporal da opinião pública.

9.1 Velocidade como amplificador da espiral

A cronopolítica viriliana (domínio do tempo sobre espaço) opera via latência mínima (algoritmos em ms), criando “climas de opinião” instantâneos que reforçam percepções de maioria dominante. Plataformas medem engajamento em tempo real, silenciando minorias antes da reflexão – espiral acelerada por “dromologia digital”.

9.2 Perda da percepção sensível

Enquanto Virilio (1996) diagnostica uma “implosão do horizonte” (aceleração erode a empatia espacial), Noelle-Neumann (1984) revela haver um medo de isolamento social. Assim, *feeds* personalizados (TikTok: *refresh* 1s) constroem “bolhas cronopolíticas”, onde visibilidade = maioria, silenciando vozes dissonantes via banimento fantasma, punição invisível aplicada por redes sociais como Instagram, TikTok, Twitter (X) e YouTube. Você não é avisado e sua conta continua ativa, mas o alcance do seu conteúdo é drasticamente reduzido (ex.: #LulaLivre, 2018: queda 87% do alcance da publicação *reach*). No contexto da *software layer*, *reach* (alcance) e *feeds* personalizados são as engrenagens que determinam quem tem voz e quem é silenciado na esfera digital.

Essa fusão explica a guerra cognitiva contemporânea: a velocidade dissolve o espaço deliberativo, impondo *realidades sincronizadas* em que o dissenso é cronologicamente marginalizado.

É possível dizer, portanto, que a integração cronoesprial do silêncio é uma articulação potente – a velocidade viriliana automatiza o silenciamento noelle-neumanniano, criando consenso algorítmico instantâneo.

Talvez a melhor síntese dessa aproximação seja a de que a cronopolítica viriliana explica a aceleração da espiral: latência zero (*feeds* 1s) impede reflexão deliberativa, impondo climas de opinião sincrônicos em que o dissenso é temporalmente marginalizado antes de se consolidar espacialmente.

Quadro 10 – Integração conceitual entre Noelle Neumann e Virilio

Noelle-Neumann	Virilio	Síntese cronoesprial
Medo do isolamento	Aceleração perceptual	Silêncio algorítmico instantâneo
Clima de opinião	Dromocracia	Consenso temporal manufaturado
Mídia tradicional	Cibernética	Plataformas como panóptico veloz

9.3 Paul Virilio vs Milton Santos

Virilio (1996) e Milton Santos (1996), por sua vez, compartilham uma preocupação com a aceleração técnica reconfigurando espaço-tempo, mas divergem em ênfase: Virilio

(1996) enfatiza a dromologia catastrófica (velocidade como fim da percepção espacial), enquanto Santos (1996) propõe a totalidade dialética (espaço como síntese histórica de tempos).

Quadro 11 – Comparação sistemática Virilio vs. Santos – Espaço e tempo

Dimensão	Paul Virilio (Dromologia)	Milton Santos (Espaço-tempo dialético)
Tempo	Domínio cronopolítico: a velocidade-luz dissolve duração (instantaneidade cibernética, acidente iminente)	Convergência dos momentos: sincronização global via MTI*, mas com rugosidades históricas (tempo pretérito no presente)
Espaço	Implosão: “fim da geografia” por não-lugares rastreáveis (<i>bunkers</i> → ciber mundo)	Totalidade indissolúvel: sistemas de objetos/ações, território usado como palco conflituoso
Técnica	Dromocracia: velocidade como poder destrutivo (guerra total instantânea)	Unicidade técnica: integração global-preserva desigualdades (desenvolvimento desigual/combinado)
Percepção	Ansiedade perceptual: aceleração erode horizonte sensível	Psicoesfera: disputa por valores/narrativas no espaço vivido

Fonte: elaborado pelo autor.

Ambos veem o meio técnico-científico-informacional (MTI) como “compressão espaço-tempo”. O MTI é um conceito de Milton Santos que representa a atual fase do espaço geográfico, em que ciência, tecnologia e informação se unem, subordinadas ao mercado global. Caracteriza-se pela sincronização global (tempo real/simultaneidade) através de redes, mas dialeticamente coexiste com rugosidades históricas – formas do passado (construções, relações de trabalho) presentes no meio atual.

Apesar de haver a coincidência em relação a alguns temas e à forma como os tratam, há diferenças substanciais entre esses dois pensadores. Se Virilio pensa em balística *ciber* (*Velocidade e política*, 1996), Santos propõe a ideia de convergência global (*Natureza do espaço*, 1996).

Virilio é mais apocalíptico (cronopolítica suplantando geopolítica); Santos, por sua vez, é mais marxista (espaço como síntese histórica, resistência possível via uso popular). Virilio explica a implosão perceptual (cronoespiral do silêncio) enquanto Santos se preocupa com a questão da materialidade conflituosa (desigualdade digital).

Em ambos, temos a percepção de que as redes aceleram, mas preservam hierarquias espaciais.

10. Para uma geografia da guerra cognitiva: desenvolvimento desigual da informação e disputa pela psicosfera

A crescente centralidade da informação nas dinâmicas políticas contemporâneas tem levado diversos autores a falar em guerra informacional, guerra cognitiva ou guerra híbrida. Entretanto, essas interpretações frequentemente permanecem restritas ao campo da comunicação ou dos estudos estratégicos, negligenciando uma dimensão fundamental dessas transformações: sua inscrição territorial.

Uma abordagem geográfica permite compreender que a disputa pela informação não ocorre em um espaço abstrato, mas em um território profundamente estruturado por redes técnicas, infraestruturas digitais e assimetrias de poder. Nesse sentido, a informação torna-se parte integrante da organização do espaço e das relações de poder que o atravessam.

Como vimos no decorrer deste artigo, a obra de Milton Santos oferece instrumentos fundamentais para essa interpretação. Ao analisar a formação do *meio técnico-científico-informacional*, Santos (1996) demonstrou como a expansão das tecnologias de comunicação e de informação produziu uma reorganização profunda do território, articulando lugares distantes por meio de redes técnicas e fluxos informacionais.

Essa configuração espacial pode ser compreendida como um *território reticulado*, no qual diferentes pontos do espaço encontram-se conectados por sistemas técnicos que permitem a circulação acelerada de mercadorias, capitais, dados e narrativas.

Nesse ambiente, a informação deixa de ser apenas um recurso simbólico e passa a constituir uma dimensão estratégica do poder territorial. A disputa pela produção, circulação e legitimação das narrativas torna-se, assim, parte integrante da geopolítica contemporânea.

Contudo, a expansão das redes digitais não produz um espaço homogêneo de circulação informacional. Pelo contrário, ela intensifica novas formas de desigualdade e hierarquia no interior do sistema mundial.

10.1 Desenvolvimento desigual da informação

Para compreender essa dinâmica, é possível mobilizar a *Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado*, formulada por Leon Trotsky (1977) para interpretar a dinâmica histórica do capitalismo. Como já observamos no item 3, segundo essa perspectiva, diferentes formas de desenvolvimento coexistem e se combinam no interior do sistema mundial, produzindo configurações híbridas nas quais elementos altamente avançados convivem com estruturas sociais e econômicas profundamente desiguais.

Aplicada ao campo da informação, essa perspectiva permite compreender a existência de um *desenvolvimento desigual e combinado da infraestrutura informacional global*.

De um lado, observa-se a presença de plataformas digitais globais, sistemas de inteligência artificial, redes de dados em tempo real e sofisticados dispositivos de modulação algorítmica da percepção. De outro, persistem profundas assimetrias no acesso à informação, na capacidade de produção narrativa e no controle das infraestruturas digitais.

Essa combinação produz um espaço informacional profundamente hierarquizado, no qual determinados atores – Estados, corporações tecnológicas e redes transnacionais de comunicação – possuem capacidade significativamente maior de influenciar a psicosfera.

Nesse contexto, torna-se possível propor a hipótese de uma *Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado da Informação*.

Tal formulação parte da ideia de que a expansão global das tecnologias digitais não elimina as desigualdades estruturais do sistema mundial, mas as reorganiza em novas escalas e dimensões. Infraestruturas informacionais altamente avançadas coexistem com desigualdades profundas na produção e circulação de narrativas, gerando um campo assimétrico de disputa cognitiva.

No território reticulado do capitalismo informacional, essa desigualdade manifesta-se na capacidade diferenciada de determinados agentes em:

- controlar plataformas digitais;
- operar infraestruturas de dados;
- produzir narrativas de alcance global;
- modular algorítmicamente a visibilidade da informação.

10.2 Disputa pela psicosfera

A disputa pela informação transforma-se, assim, em disputa pelo controle da *psicoesfera do território*.

Se no passado as guerras estavam centradas principalmente na conquista de territórios físicos, no século XXI observa-se a crescente centralidade de conflitos voltados para a modulação da percepção coletiva, para a manipulação do ambiente informacional e para a reorganização do clima de opinião.

Essa transformação permite falar na emergência de uma *geografia da guerra cognitiva*, na qual o território não é apenas o espaço onde os conflitos ocorrem, mas também o meio através do qual eles se estruturam.

As redes digitais, as plataformas algorítmicas e os sistemas de circulação de informação passam a operar como infraestruturas estratégicas dessa nova configuração do poder.

Nesse ambiente, a disputa pela Janela de Overton e os mecanismos da Espiral do Silêncio funcionam como dispositivos operacionais de reorganização da psicoesfera, permitindo deslocar os limites do aceitável e silenciar narrativas dissidentes.

A guerra cognitiva, portanto, não ocorre fora do território, mas *no interior de sua própria arquitetura reticular*.

Essa perspectiva reforça a necessidade de compreender a política contemporânea a partir de uma abordagem que articule geografia, comunicação e teoria social crítica. O território reticulado do capitalismo informacional não é apenas uma rede de fluxos econômicos, mas também um campo estratégico de disputa simbólica e cognitiva.

É nesse contexto que emerge o processo que denominamos *neuroterritorialização*, entendido como a captura e a modulação da cognição coletiva por meio de infraestruturas técnicas, dispositivos informacionais e arquiteturas algorítmicas que atuam diretamente sobre a psicoesfera.

Assim, a geografia da guerra cognitiva revela uma dimensão fundamental do poder contemporâneo: a transformação da mente coletiva em território estratégico.

Considerações finais

A expansão das redes digitais e das infraestruturas informacionais transformou profundamente as condições de produção da esfera pública contemporânea.

Nesse contexto, a articulação entre os conceitos de Janela de Overton, Espiral do Silêncio e psicoesfera permite compreender como a disputa política se desloca progressivamente para o campo da cognição coletiva.

Quadro 12 – Síntese interpretativa

Dimensão	Função
Janela de Overton	define limites do aceitável
Engenharia do consenso	produz legitimidade para narrativas
Guerra híbrida	instrumentaliza narrativas para desestabilização
Plataformas digitais	amplificam e distribuem discursos
Psicoesfera	campo simbólico da disputa
Neuroterritorialização	controle cognitivo do território
Espiral do silêncio	Engenharia do silenciamento, consenso.

Neste artigo, buscou-se demonstrar que a articulação entre Janela de Overton, Espiral do Silêncio e psicoesfera oferece um quadro interpretativo relevante para compreender como se estruturam os processos contemporâneos de modulação do clima de opinião e de engenharia do consenso.

Esses mecanismos não operam apenas no plano discursivo, mas são potencializados por infraestruturas digitais, plataformas algorítmicas e redes globais de informação que estruturam o território reticulado do capitalismo informacional.

Ao integrar os conceitos de *unicidade técnica e convergência dos momentos*, formulados por Milton Santos, com a *Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado*, de Leon Trotsky, torna-se possível interpretar a emergência de um novo campo estratégico de poder: o *território cognitivo*. Embora as infraestruturas digitais componham um sistema técnico global relativamente integrado, sua apropriação e controle são profundamente assimétricos, produzindo uma circulação desigual da informação e da capacidade de influência sobre a psicoesfera.

Nesse contexto, a disputa política contemporânea passa a envolver não apenas o controle de recursos materiais ou de instituições estatais, mas também a capacidade de intervir nos mecanismos de formação da percepção coletiva.

A manipulação do clima de opinião, a produção de narrativas estratégicas e a modulação algorítmica da visibilidade de conteúdos tornam-se instrumentos centrais das disputas geopolíticas e sociais.

Esse processo aponta para a emergência do que denominamos *neuroterritorialização*: a incorporação sistemática da dimensão cognitiva às estratégias de organização e controle do território. Nesse ambiente, a psicosfera deixa de ser apenas expressão simbólica da vida social e passa a constituir um campo direto de intervenção política, econômica e geopolítica.

A análise desenvolvida sugere, portanto, que a compreensão das dinâmicas contemporâneas de poder exige ampliar o campo da geografia política e da geopolítica para incluir as dimensões informacionais e cognitivas da produção do espaço. A disputa pelo território passa, cada vez mais, também pela disputa pela mente, pela percepção e pelos limites do pensável no interior da esfera pública.

Dessa forma, a articulação entre território reticulado, psicosfera e desenvolvimento desigual da infraestrutura informacional abre caminho para a formulação de uma *geografia da guerra cognitiva*, capaz de interpretar os novos modos pelos quais o poder se organiza, circula e se territorializa no século XXI.

Nesse ambiente, o controle da percepção torna-se dimensão fundamental da disputa política.

A luta pelo território passa, assim, também pela luta pela mente.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2002.
- BERARDI, Franco. **Depois do futuro**. São Paulo: Ubu, 2015.
- BERNAYS, Edward. **Propaganda**. New York: Horace Liveright, 1928.
- BIANCHI, Álvaro. O desenvolvimento desigual e combinado: a construção do conceito. **Esquerda Online**, 04 fev. 2013. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2013/02/04/o-desenvolvimento-desigual-e-combinado-a-construcao-do-conceito/>. Acesso em: 10 mar. 2026.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) referentes ao ano de 2025 (ano-base 2024)**. Brasília: TEM, 2025.
- BRATTON, Benjamin. **The Stack: on software and sovereignty**. Cambridge: MIT Press, 2016.
- CROCETTI, Zeno Soares. Foz do Iguaçu como território reticulado: redes, fronteiras e disputas cognitivas na era da plataformização. **Geosul**, Florianópolis, v. 40, n. 93, p. 64-82, maio/ago. 2025a.
- CROCETTI, Zeno Soares. Imperialismo 2.0 e a reestruturação global: território, infraestruturas e domínio cognitivo na era da pós-verdade. **Revista Ciência Geográfica**, v. 29, n. 4, p. 1442-1460, 2025c. DOI: 10.18817/26755122.29.4.2025.4357.
- CROCETTI, Zeno Soares. **Imperialismo: a ideologia do capitalismo; território, subjetividade e dominação na Era da Pós-verdade**. São Paulo: Annablume, 2026a.
- CROCETTI, Zeno Soares. Neuroterritorialização e infraestruturas do desejo: poder, cognição e técnica no território reticulado. **SciELO Preprints**, 23 dez. 2025b. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.13961.
- CROCETTI, Zeno Soares. O jogo da direita e a nova geografia do capitalismo. **Ciência Geográfica**, Bauru, v. 27, n. 4, p. 1-15, jan.-dez. 2023.
- CROCETTI, Zeno Soares. **O território no século XXI**. (Reticulação, cognição e neuroterritorialização nas sociedades algorítmicas). Curitiba: Kotter, 2026b.
- DANTAS, Marcos. Poder e desigualdade no capitalismo digital em 25 teses. **Grabois**, 25 jul. 2025. Disponível em: <https://grabois.org.br/2025/07/25/capital-informacao-poder-e-desigualdade-no-capitalismo-digital-em-25-teses/>. Acesso em: 10 mar. 2026.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- FRANCK, Georg. **Mentaler Kapitalismus**. Frankfurt: Suhrkamp, 2019.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- HAN, Byung-Chul. **Infocracia: a digitalização e a crise da democracia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e devagar: duas formas de pensar**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- LEIRNER, Pietro. **O Brasil no espectro de uma guerra híbrida**. São Paulo: Alameda, 2020.
- MCINTYRE, Lee. **The Post-Truth Era: dishonesty and deception in Contemporary Life**. Cambridge: MIT Press, 2019.

- MOROZOV, Evgeny. **A ingenuidade do solucionismo tecnológico**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **The Spiral of Silence**. Chicago: University of Chicago Press, 1984.
- PARISER, Eli. **O filtro bolha**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- POMERANTSEV, Peter. **Nada é verdade e tudo é possível: a nova realidade da política russa**. São Paulo: Vestígio, 2020.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SOUZA, Maria Adélia de. **Geografia e Razão Prática: diálogos multidisciplinares**. São Paulo: Edusp, 2025.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010.
- SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. Cambridge: Polity, 2017.
- STANLEY, Jason. **How Fascism works: The politics of *Us* and *Them***. New York: Random House, 2018.
- STANLEY, Jason. **How propaganda works**. Princeton: Princeton University Press, 2015.
- TELEGEOGRAPHY. **Annual State of the Network Report**. Washington: Edição, 2025.
- TROTSKY, Leon. **A história da revolução russa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- VIRILIO, Paul. **Velocidade e Política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- WACQUANT, Loïc. **As prisões da miséria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- WINQUES, Kérley. **Mediações algorítmicas e espiral do silêncio: as dimensões estruturantes igreja e sindicato na recepção de conteúdos noticiosos em plataformas digitais**. 2020. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

Declaração de Conflito de Interesses

O autor declara que não há conflito de interesses relacionado à elaboração, desenvolvimento e publicação deste artigo.

O trabalho foi realizado de forma independente, sem influência indevida de organizações comerciais, políticas, religiosas ou institucionais que possam comprometer sua integridade científica, seu conteúdo ou suas conclusões. Além disso, não houve financiamento externo direto para a presente pesquisa, e nenhum tipo de relação financeira, pessoal ou profissional que possa ser interpretada como capaz de influenciar indevidamente os resultados ou a interpretação dos dados foi estabelecida durante a sua execução. Esta declaração segue as diretrizes do Committee on Publication Ethics (COPE) e tem por objetivo fortalecer a transparência, a responsabilidade acadêmica e o compromisso ético com a ciência aberta, a educação crítica e a integridade nas publicações.

Autor: Zeno Soares Crocetti Universidade Federal da Integração Latino-Americana ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0608-5079> Foz do Iguaçu, 21 de março de 2026.

Dados de pesquisa

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está contido no próprio artigo.

Trata de uma pesquisas bibliográficas: o artigo/ensaio, se baseia unicamente em livros, artigos e outras publicações existentes, sem a coleta de dados de pessoas. Tem um levantamento de dados públicos: utilizei informações de domínio público, que podem ser consultadas, utilizadas e reproduzidas livremente sem restrições de direitos autorais ou de propriedade intelectual. É um estudo que não envolve seres humanos, se baseiam em modelos teóricos ou dados de laboratório que não incluem materiais biológicos humanos.

Dados Gerais: PSICOESFERA E TERRITÓRIO RETICULADO (Janela de Overton, Espiral do Silêncio e a geografia da guerra cognitiva)

Zeno Soares Crocetti - Universidade Federal da Integração Latino-Americana

Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território

E-mail: geocrocetti@gmail.com <https://orcid.org/0000-0003-0608-5079>

Autor: Zeno Soares Crocetti Universidade Federal da Integração Latino-Americana

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0608-5079>

Foz do Iguaçu, 21 de março de 2026.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.